

5. Paraíso ou inferno

Estar com Jesus é o nosso paraíso, a condição na qual somos redimidos do afastamento de Deus de Adão e Eva depois do pecado. Na condição paradisíaca antes do pecado, o ser humano vivia toda a sua vida em comunhão com o Senhor e, por isso, tudo era belo e harmonioso, também nas relações humanas, também entre Adão e Eva. O pecado feriu a comunhão do homem com Deus. Foi como se, entre Adão e Deus, se rompesse uma aliança, por decisão unilateral do homem. A saída do paraíso terrestre não consistiu tanto em abandonar um lugar, mas uma relação, uma condição de comunhão com Deus que era gratuita, que era um dom, uma graça.

O paraíso terrestre é uma imagem simbólica de um estado de comunhão entre Deus e a criatura humana no qual toda a criação encontrava sentido e beleza. Tudo, desde as flores até às estrelas, é criado não tanto para o homem, mas *para a comunhão entre o homem e Deus*. Quando o homem quer fruir da criação somente para si mesmo, esquecendo a relação com Deus, arruína-a, destrói-a. Vemos isso na condição em que se encontra a natureza hoje, depois de demasiada exploração orientada apenas para o proveito humano. Só uma espiritualidade religiosa que olha e se serve da criação à luz e em ordem à comunhão com Deus permite gozar da sua beleza, fazê-la sobressair e saborear todo o bem que a criação nos oferece com admiração e gratidão. Só pensando no Pai bom que no-las dá podemos servir-nos de todas as criaturas com verdade e beleza. Mas também com fraternidade, porque a comunhão com o Pai impele-nos a servir-nos de tudo em fraterna partilha.

O homem, sozinho, não pode nem sabe voltar a esta condição paradisíaca de relação com tudo na comunhão com o Pai. Por isso Deus veio viver conosco, fez-se Emanuel, Deus-conosco, para nos mostrar a verdade e a beleza da nossa humanidade, a “*magnifica humanitas*” que o Papa Leão XIV ilustra estupendamente na sua encíclica.

Jesus vivia a relação com cada pessoa e coisa, com as estrelas e as flores, os pardaís e o céu, com todas as criaturas, com um coração sempre em comunhão de amor com o Pai, sempre em adoração confiante ao Pai. Mostrava como é possível ao homem reencontrar o paraíso, poder viver de novo naquela comunhão com Deus que transforma toda a realidade à nossa volta. Para voltar ao paraíso não é necessário mudar de lugar, mas mudar o coração com o qual vivemos na realidade que nos circunda. O ladrão arrependido, quando Jesus lhe concedeu estar com Ele no paraíso, não se desprendeu da cruz: a própria cruz tornou-se imediatamente para ele um paraíso, porque, a partir daquele momento, sabia que podia viver aquela circunstância com Jesus, como Jesus, com o coração de Cristo.

É esta transformação que Jesus prometeu e ofereceu a todos quando exclamou: “Todas as coisas me foram dadas por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo. Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos, e eu vos darei descanso” (Mt 11,27-28).

Primeiramente, descreve o paraíso como conhecimento recíproco do Pai e do Filho no amor do Espírito Santo. O paraíso é a comunhão das três Pessoas divinas. Não se entra nele através de uma porta, mas através do encontro com o Filho, que nos introduz na sua relação de amor com o Pai. Jesus veio revelar-nos o Pai. Não fazendo-nos um discurso sobre Ele nem descrevendo-nos o seu rosto, mas associando-nos à sua relação com o Pai. Vivendo com Jesus, descobrimos a sua relação filial com o Pai e somos atraídos por ela; gostaríamos de vivê-la com Ele, com a sua mesma alegria e confiança, com o seu mesmo amor.

Quando Jesus nos diz para aprendermos d'Ele, manso e humilde de coração, para que encontremos descanso para a nossa vida, para a nossa alma (cf. Mt 11,29), convida-nos a unirmo-nos a Ele tão estreitamente, tão intimamente, que vivamos com o seu coração a sua relação com o Pai. E isto transforma em paraíso toda a realidade que vivemos, ainda que fosse fatigosa e dolorosa, porque então tudo ressoa com a comunhão do coração com Deus. A nossa vida, em todas as circunstâncias pelas quais passamos, torna-se espaço de comunhão com o Senhor, lugar onde estar com Cristo, e isto já é o paraíso.

Por isso devemos compreender bem o que São Bento entende quando, por duas vezes, nos pede que nada prefiramos a Cristo e ao seu amor (cf. RB 4,21 e 72,11). Notemos, antes de tudo, que, no capítulo 72 da Regra, faz uma lista de atitudes boas que nos fazem viver na comunidade monástica como se ela fosse um paraíso. De fato, no início diz que “assim como há um zelo mau, de amargura, que separa de Deus e conduz ao inferno, assim também há o zelo bom, que separa dos vícios e conduz a Deus e à vida eterna” (RB 72,1-2).

A alternativa é sempre entre estar com Deus ou não e, portanto, entre o paraíso e o inferno. A lista de atitudes que denotam o zelo bom descreve um modo de se relacionar com as pessoas e as circunstâncias impregnado de um amor manso e humilde como o coração de Jesus. É isto que faz de uma comunidade humana uma comunidade cristã, sinal e antecipação do paraíso.

Pois bem, o segredo para que isto seja possível encerra-se no modo como vivemos a preferência de Cristo. O capítulo 72 termina com as palavras: “Nada absolutamente antepõemham a Cristo – que nos conduza todos juntos para a vida eterna” (RB 72,11-12).

Tanto no capítulo 4 como no capítulo 72, para exprimir a preferência de Cristo, São Bento utiliza o verbo latino “*praeponere*”, que o português “antepor” traduz literalmente como: pôr diante, pôr antes, colocar diante.

São Bento pede-nos que não coloquemos nada entre nós e Cristo, que não haja nada entre nós e o Senhor, que nada nos separe, que nada estorve a nossa relação com Cristo. Em suma, pede-nos que estejamos com Ele sem nada no meio, que vivamos com Ele uma comunhão total, perfeitamente aderente à Sua presença. Que entre o nosso coração, a nossa vida, o nosso “eu” e o “Tu” de Jesus haja apenas adesão, pertença, contato imediato, comunhão perfeita.

Só assim Jesus nos pode conduzir todos juntos para a vida eterna, isto é, para o paraíso.